

O calçado como artefato de proteção à diferenciação social: A história do calçado da Antiguidade ao século XVI

Shoes as a protective artefact to social differentiation: The Shoe history from old times to the sixteenth century

Natalie Rodrigues Alves Ferreira¹

Resumo: Este artigo tem por finalidade analisar um histórico do calçado desde sua origem, e ao longo da Antiguidade, Idade Média até o século XVI. A pesquisa percorre as principais alterações de significado de uso, elementos estéticos e modos de produção dos calçados. O texto abrange a história do calçado mundial e brasileiro - período Colonial - a partir de pesquisas bibliográficas sobre cultura material, história da moda e do calçado e pesquisas iconográficas. Concluiu-se que o calçado, criado com propósito de proteção, constituiu-se ao longo da Antiguidade, Idade Média e Renascimento - na Europa e Brasil - para diversas civilizações como a egípcia, grega, romana e européia, como objeto imbuído de status social, poder, diferenciador de gêneros e possuidor de elementos como formas, cores e modelos com diversos significados, satisfazendo os desejos dos grupos sociais abastados.

Palavras-chave: Calçados. Cultura material. Antiguidade. Renascimento.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the shoe history from its origin along the Ancient Times, Middle Age until the sixteenth century. The study analyzes the main alterations of the meaning of use, aesthetic elements and the forms of producing shoes. The text comprises the history of shoes worldwide and in Brazil – Colonial Period - from bibliographic research about material culture, fashion and shoe history and iconographic research. It is concluded that the shoe, which was made with the purpose of protecting, evolved along the Ancient Times, Middle Age and Renaissance – In Europe and Brazil – to several civilizations such as the Egyptian, the Greek, Roman and European civilizations as an object full of social status, power, genre differentiator and also as an object that owns shapes, colors and patterns with diverse meanings, meeting the desires of remote social groups.

Keywords: Shoes. Material Culture. Ancient Times. Renaissance.

INTRODUÇÃO

Os calçados são complementos essenciais no modo de vida humano uma vez que, além de proteger as extremidades dos membros inferiores, os calçados apresentam outros significados como os de sonho, sedução e poder, estes, fortemente presentes no imaginário feminino.

É necessário compreender as estruturas históricas, sociais e culturais para compreender a cultura material, no caso, o calçado, objeto de estudo deste artigo.

O calçado não é apenas restrito à sua função e utilização, mas também se relaciona com a satisfação, valores, realizações de desejos e experiências. Portanto, estes objetos, constituem nossa subjetividade individual e coletiva.

Entende-se por objeto “qualquer artefato que resulte da aplicação da vontade do sujeito, consubstanciada no processo de conformação da matéria” (BOMFIM, 1997, p.36). Para o autor, não há sentido no objeto se não houver o sujeito, pois o objeto com suas representações ou conceitos só existem dentro do limite das experiências humanas, de nossos conhecimentos e linguagens. Portanto, as características de um objeto, são, na verdade, interpretações subjetivas que dele fazemos. O entendimento de um objeto é efêmero, pois os sujeitos e os significados dos objetos se alteram.

Para Cardoso (1998), os artefatos possuem diversos níveis de significados: alguns universais e inerentes e outros extremamente pessoais e volúveis, significados estes que o objeto só pode adquirir a partir da intencionalidade humana.

É preciso refletir os significados que os objetos materiais podem assumir na vida social - em seus diversos contextos - e cultural, pois neste reconhecimento de significados, podemos perceber os processos pelos quais nos definimos e questionamos nossas memórias e identidades.

Desta forma, Gonçalves (2007, p.24), descreve que podemos

“...perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais”.

Para o entendimento das formas de vida social e cultural, é indispensável considerar os objetos e não pensá-los de forma evolutiva ou nas técnicas de fabricação, mas sim em qual significado eles têm para as pessoas que empregam um mesmo objeto em diversos contextos sociais e rituais. Torna-se relevante, a partir da década de 1960, além de estudar as formas, o material e a técnica de fabricação destes objetos, refletir sobre as modalidades e contextos de uso.

¹Discente do curso de Pós-Graduação em Design pela Universidade Anhembi-Morumbi (SP). Docente em design na Faculdade de Moda e Design de Passos (MG), na Faculdade de Tecnologia de Franca - SP (FATEC) e na Universidade de Franca (SP).

Contato: natalierodriguesalves@yahoo.com.br

Desta forma os objetos de uso, como os calçados, constituem uma parte importante da estrutura econômica, retratando as condições de uma sociedade.

O calçado é um artefato, por se tratar de um objeto produzido pelo trabalho humano. Por meio da análise de conjuntos desses artefatos, podemos pesquisar o que Cardoso (1998), denomina de cultura material. Desta forma, podemos analisar os calçados produzidos e consumidos pela sociedade ao longo da história.

Para pesquisar ou desenvolver calçados é necessário conhecer sua história, valores inseridos, utilização, formas e principalmente seu design e processos criativos inseridos em cada período histórico. Como afirma Rainho (2002, p.11), é preciso compreender como os hábitos se encadeiam, “(...) num todo cultural, com as outras práticas da sociedade”.

Este artigo relata, por meio de pesquisas históricas e revisões bibliográficas, a origem dos calçados - contendo suas formas, materiais e técnicas artesanais utilizadas por diversos povos na Antiguidade - e a estética dos calçados utilizados como diferenciador social desde o período do Egito Antigo até meados do século XVI, incluindo relatos sobre os calçados e suas formas de produção no período de colonização do Brasil.

• Origem

Pesquisas demonstram que o calçado surgiu no final do período paleolítico entre os anos de 12.000 a.C e 15.000 a.C. Pinturas em cavernas da Espanha e sul da França fazem referências ao calçado, uma espécie de bota primitiva de pele (Figura 1) e outros em modelos de sandálias (McDOWELL, 1989).

Um calçado (Figura 2) foi encontrado em 2008 em uma caverna da Armênia, e de acordo com especialistas da Irlanda, Armênia e Estados Unidos são de aproximadamente 5.500 anos atrás. O sapato, de tamanho 35 - podendo ser masculino ou feminino - é feito de uma

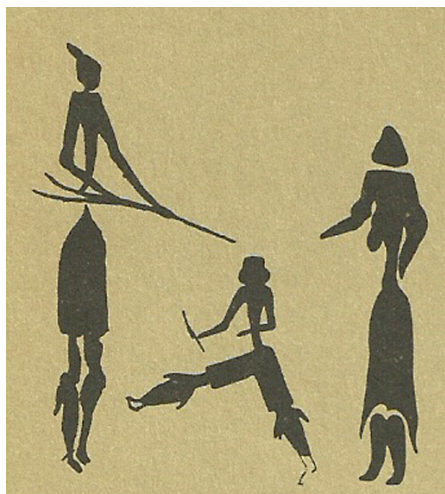


Figura 1: Pinturas do período paleolítico de homens calçados das cavernas do leste da Espanha. Fonte: McDOWELL, 1989, p.98.



Figura 2: Foto do calçado primitivo encontrado na Armênia em 2008. Fonte: PINHASE, 2010.

única peça de couro dobrada sobre o pé. Os pesquisadores argumentam que outros sapatos encontrados na Itália, Alpes Suíços e sandálias em Israel demonstram a diversidade dos calçados usados pelos homens há seis mil anos (PINHASE, 2010).

O principal objetivo da criação e da utilização do calçado na Antiguidade era para proteção dos pés, diferente do vestuário, vestido pelo homem por motivos místicos, pois este acreditava que vestindo a pele de animais caçados adquiriria sua força. Outra provável influência na confecção dos modelos dos calçados das primeiras civilizações é a do clima, pois em zonas temperadas, a configuração de um sapato era algo que cobria os pés, enquanto que nos climas tropicais os modelos eram abertos (MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA, 2010).

O homem primitivo utilizou diversos materiais para proteger os pés como o couro cru, madeira, palha e tecidos. A montagem era bem simples: cortava-se o couro, geralmente fino, de cabra ou cachorro em um tamanho próximo ao pé e o trançava com tiras geralmente de fibras ou papiro. Os couros usados para confeccionar os solados eram grossos, como os de cavalos ou bois e em alguns casos os solados eram confeccionados em madeira.

Os métodos descritos por Laver (2002, p.10), para amaciamento das peles eram a “laboriosa mastigação”, método simples ou era molhar e sovar a pele com malho, após raspagem de toda a sua carne e pelos. Houve um avanço quando descobriram que o óleo ou gorduras de animais marinhos e posteriormente de vegetais, quando esfregados na pele, ajudava a conservá-la maleável por mais tempo. Depois, descobriram a técnica do

curtimento usado até hoje em curtumes. Este processo permitiu que as peles fossem cortadas e moldadas. Tal aperfeiçoamento passa a ser considerado um grande avanço tecnológico da história do homem ou ao menos para a história do calçado.

Outra invenção de extrema importância para a confecção dos calçados e vestuários foi a agulha de mão, feita de marfim de mamute ou ossos de animais.

As sandálias foram os primeiros calçados criados pelo homem, como afirma O’Keeffe (1996). Cada civilização antiga criou a sua versão que tinha como base uma sola rija presa ao pé com tiras, que poderiam ser de fibras como o papiro, tiras de couro ou tecidos (Figura 3).

Nos países mais quentes como o antigo Egito, as sandálias eram feitas de palha, tramas de papiro ou fibra de palmeira, com a ponta do solado voltada para cima para evitar a entrada de areia nos pés (Figuras 4 e 5).

No Egito antigo parece haver sintomas de que calçar constitui um privilégio da nobreza, dos sacerdotes e dos soldados. Persiste, porém mesmo entre os historiadores a dúvida: seguramente sabe-se que os hebreus sob o domínio egípcio não estavam descalços. Se calçar constituía um hábito mesmo entre os hebreus escravizados, lógico seria supor que as sandálias estivessem integradas à vestimenta quotidiana egípcia. Mernaux lança a hipótese explicativa às representações pictóricas retratando os servos descalços (MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA, 2010).

Segundo McDowell (1989), os sapatos primitivos mantiveram-se inalterados por longos períodos, porém no século IV houve uma fertilização de ideias que produziu variações decorativas de calçados em diferentes partes do Mediterrâneo.

Podemos observar, portanto, que a origem do calçado aconteceu devido à necessidade de proteção dos pés das intempéries climáticas. Desta forma, existem dois modelos de calçado na Antiguidade: os calçados fechados com solados, ambos de couros rígidos nas regiões



Figura 4: Sandália de fibra de palmeiras de Tebas, antes de 1.250 D.C.

Fonte: McDOWELL, 1989, p. 98.

mais frias e modelos de sandálias ornamentadas para os mais abastados nos países tropicais. A partir deste momento, o calçado passa a ser, além de artefato protetor, objeto que simboliza o poder e a riqueza entre as civilizações antigas.

• O calçado como diferenciador social

Por meio de pesquisas, podemos concluir que civilizações da Antiguidade, como a dos egípcios, já utilizavam do artefato calçado como um diferenciador social. Apenas os mais abastados usavam sandálias com joias incrustadas, como o faraó e sua rainha; os pobres e escravos andavam descalços.

Para O’Keeffe (1996, p.23) “as sandálias têm sido, alternadamente, símbolos de prestígio ou pobreza, castidade ou coqueteria”.

Curiosa e peculiar foi a filosofia calçadista dos antigos gregos. Na Grécia, como no Egito dos faraós, o uso de sandálias foi então privilégio exclusivo da aristocracia, mas nos séculos clássicos vimos cidadãos, em número cada vez maior, atribuírem-se por sua vez esse direito (MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA, 2010).

O modelo mais adotado pelos gregos - a sandália - era usado tanto por homens quanto por mulheres. Mais tarde, foi adotado o calçado em forma de botinha, para prote-



Figura 3: (A) Sandália pré-histórica de nativos norte-americanos e (B) sandália egípcia de 2.500 A.C.
Fonte: O’KEEFFE, 1996, p. XX.



Figura 5: Tutancâmon e sua rainha, XVIII dinastia, século XIV a. C. Sandálias com tira em T.

Fonte: LAVER, 2002, p.17.

ger o tornozelo. Os gregos gostavam de cores claras e as tonalidades escuras raramente eram usadas. O vermelho era usado pelos homens, o branco pelos senadores e as cores de tons pastel pelas mulheres. O modelo de sandálias mais comum eram as presas aos pés e tornozelos por tiras amarradas de diferentes maneiras (LAVER, 2002 e MUSEU DO CALÇADO, 2010).

Segundo McDowell (1989), os primeiros sapateiros eram homens e seguiam os padrões da Grécia Antiga, onde os sapateiros passavam solitárias horas de trabalho. Já os sapateiros romanos costumavam se amontoar em uma rua particular, assim como na Londres medieval, onde os sapateiros se encontravam ao redor das áreas do Royal Exchange e St. Martin lê Grand. A habilidade de um sapateiro era equiparada a de um artista, e os sapatos elevados a obras de arte. Muitos sapateiros se tornaram homens ricos (Figura 6).

Ainda na Antiguidade clássica, em Roma, assim como na Grécia, os calçados indicavam a classe social de seus usuários, e os modelos se diferenciavam por cores. Eles também possuíam solas com adornos especiais e as pessoas de baixa estatura usavam plataforma para parecerem maiores.

O modelo de calçado romano do século II, conhecido como carbatina foi precursora do modelo mocassin, modelo de couro ensacado, leve e flexível. Seu couro era recortado e preso com uma tira que conseguia moldar o pé do usuário. As primeiras variações dos sapatos romanos, assim como a dos gregos, foram as botinas

que viriam a proteger também os tornozelos. Um destes modelos é a Crépida, botina com abertura nos dedos e solado, com camada de cortiça, fabricada com fivelas metálicas cravadas de pedrarias e com cores berrantes, onde dominava, o vermelho púrpura, que assim como na Grécia, era uma cor de exclusividade masculina. Entre as mulheres romanas, o modelo mais usado era uma espécie de chinelo caseiro chamado soccus (LAVER, 2002 e MUSEU DO CALÇADO, 2010).

Os escravos do Império estavam proibidos de calçar. Também aos camponeses e às classes humildes, apenas se permitiam a utilização de tamancos. No outro extremo, temos a ostentação e luxúria vulgar dos Imperadores Romanos, que parecem ter empregado pedras preciosas e pérolas para adornar as suas sandálias e chinelos (MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA, 2010).

Notamos que entre as civilizações pré-históricas e antigas, homens e mulheres calçavam modelos similares com peles de animais, porém O' Keeffe (1996, p. 294) destaca que surgia, também, a diferenciação dos calçados por gênero:

À medida que os papéis de cada sexo se foram arraigando culturalmente, os homens caminhavam a passos largos para conquistarem o mundo, enquanto as mulheres ficavam em casa calçando sapatos tão delicados que apenas podiam ser usados no quarto de dormir.

Os calçados utilizados pelos povos da Antiguidade, na sua maioria, eram modelos variados de sandálias, com significados como o de prestígio e riqueza, passando também a artefato diferenciador de gêneros - mas-



Figura 6: Vaso grego com pintura de sapateiro trabalhando, 500 A.C. Fonte: McDOWELL, 1989, p. 42.

culinos e femininos. Por muitos séculos os sapatos sofreram lentas transformações, passando a adquirir novos significados, materiais, formas e modelos apenas a partir do período da Idade Média, em meados dos séculos IX a XIV, no continente europeu.

- **O calçado e seus significados na Idade Média**

O período da Idade Média na Europa foi, para os artesãos calçadistas, uma das melhores épocas, tanto para extravasar a sua criatividade, como para obter lucros e rendas com encomendas e vendas dos seus produtos aos nobres e senhores feudais. Nesta época, entre os homens, os calçados tinham um significado e uma importância além do que meramente vestir os pés. Simbolizavam os direitos de um indivíduo, sua segurança e prosperidade (McDOWELL, 1989).

Inicialmente nesta época, homens e mulheres usavam sapatos de couro semelhantes à forma das sapatilhas. Os homens também usavam botas de cano baixo e alto atadas à frente e de lado. O material mais usado era pele de vaca, mas as botas de mais qualidade eram feitas de pele de cabra. Havia sapatos para festas, para compor armaduras, chinelos, calçados com saltos exagerados ou sem saltos (Figura 7).

Próximo ao século XII, são difundidas em toda a Europa e, principalmente, na França e Inglaterra, os modelos conhecidos como “poulaines” ou “crackowes” (Figura 8). Esse calçado se caracterizava pelo estreitamento e alongamento de seus bicos. O comprimento do bico do sapato era proporcional a posição social do indivíduo na sociedade, e, quanto mais alto o nível na escala social e o “status”, maior

o bico, tornando uma competição hierárquica. Alguns modelos tinham a ponta tão comprida que era amarrada ao joelho. Os comprimentos dos bicos destes modelos variavam de 45, ao máximo de 76 cm. Este estilo do passado demonstra que o conforto não era um item de preocupação para os seguidores de moda (LAVER, 2002; O’KEEFFE, 1996, McDOWELL, 1989 e MUSEU DO CALÇADO DE FRANÇA, 2010).

O bom senso foi abandonado e esqueceu-se o principal objetivo do calçado: o da proteção dos pés. Consagraram-se modas extravagantes e até sinistras. Incentivados pelo próprio Richard II (1377-1399), sucessor de Edward II, o luxo e a extravagância dos calçados parecem ter atingido o ápice, apesar dos protestos da Câmara dos Comuns contra os abusos econômicos e gastos fúteis praticados pela corte e nobreza, unicamente voltados à ostentação. O calçado assume formatos cada vez mais pitorescos e até ridículos (MUSEU DO CALÇADO DE FRANÇA, 2010).

As pontas aguçadas dos “poulaines” foram proibidas pelo rei inglês Henrique VIII, que por ter pés largos e inchados o considerava inconveniente e doloroso. Os calçados chamados de “bico-de-pato” - bico quadrado, extremamente largo, salto baixo, solado de couro ou cortiça - era o novo modelo aprovado pelo rei. O cabedal poderia ser confeccionado em veludo, couro ou seda, podendo possuir recortes e adornos com joias (LAVER, 2002).

- **O Renascimento e o surgimento do conceito de moda: o calçado do século XIV a XVI**

O conceito de moda, como um fenômeno social temporal, caracterizado por constantes mudanças e das



Figura 7: Gravuras de Israel van Meckenem mostrando a moda italiana, c. 1470 (à esquerda), e do norte da Europa, c. 1485 (à direita). Note, em particular, a diferença nos penteados e nos sapatos masculinos. Os sapatos femininos não aparecem, pois as mulheres usam vestidos com saias longas. Fonte: LAVER, 2002, p.67.



Figura 8: Forma extrema do poulaine ou crackowe, em *Chronique d'Angleterre*. Flandres, século XV. Fonte: LAVER, 2002, p. 73.

cópias, surgiu no final do século XV e início do Renascimento, com o desenvolvimento das cidades européias (LAVER, 2002). Neste período não havia de maneira alguma o conceito do estilista. Os estilos eram ditados pelas nações que tinham maior domínio e influência política, fazendo com que cada época apresentasse no vestuário, as características do país mais influente na Europa naquele momento. Este conceito surge no momento histórico em que o homem passa a valorizar-se pela diferenciação dos demais pela aparência, o que podemos traduzir em individualização.

Na Veneza do século XVI, os sapatos chamados chapins (Figuras 9) - plataformas de 65 cm ou mais - feitos de cortiça ou madeira e forrados com couro e veludo eram usados pelas mulheres. Eram símbolos de posição social e riqueza, porém limitavam suas atividades, como as “pecaminosas” danças, ignorando mais uma vez, o conforto e a praticidade. Eram chamados de “banquinhos andantes” e deixaram de ser moda somente dois séculos depois, quando os sapatos de salto tornaram-se moda (McDOWELL, 1989, O' KEEFFE, 1996 e LAVER, 2002).

No século XVI, os modelos mais usados eram sapatos ou botas. Os sapatos tinham bico arredondado, e no final do século apresentavam o salto. Eram confeccionados em couro, seda, veludo, brocados ou tecido simples, porém extremamente ornamentados, com bordados em fios de ouro, pedrarias e fivelas. As botas, no início, eram usadas somente para montar, mas passaram a ser usadas o tempo todo. Os modelos podiam chegar até a coxa, com as extremidades superiores viradas para baixo (LAVER, 2002).

Notamos que desde o período da Idade Média, os

calçados, especialmente para os homens, eram cada vez mais objetos que os destacavam perante as sociedades, como símbolos de poder, luxo, influências políticas e individualidade. Por meio de novos modelos e do conceito de moda, os sapatos diferenciavam socialmente homens e mulheres de seus demais, em um tempo cada vez mais curto. Os calçados das mulheres – cobertos por longas e várias camadas de saias, não possuíam destaque. Eram usados geralmente como protetores e talhadores de movimentos como os de caminhar por longas distâncias e dançar. É por meio dos calçados masculinos que podemos estudar os significados e formas de utilização dos calçados até meados do século XVI.

• O calçado brasileiro entre os séculos XV e XVI: influências européias

No período renascentista, o Brasil, recém descoberto por Portugal, foi povoado e colonizado - seguindo padrões católicos - por meio de catequese dos índios e na exploração e investimento de riquezas naturais. Para Chalaighnier (2010), a partir deste quadro socioeconômico e religioso, surge um novo perfil; com valores antes desprezados transformados em necessidades imediatas, entre elas a importância do vestuário e sua manutenção para os colonos e degradados que por aqui chegavam.

“Nas novas terras, onde já se encontravam enraizados vários povos nativos com uma tradição cultural que lhe era muito singular, os europeus tiveram que construir referências mais coerentes com o seu estilo socio-cultural” (CHALAINIER, p. 22, 2010). Assim, os trajes importados de Portugal necessitavam de adequações ao clima tropical. Essa miscigenação de texturas, tingimentos - proveniente das tintas de frutos nativos - luxo e poder, criam a forma de vestir brasileira.

Porém, não se pode definir neste período, uma moda ou estilo brasileiro, já que o conceito de moda atual se refere às sociedades urbanas a partir do século XIX.

No período entre os séculos XV e XVIII, grande parte dos modelos e técnicas da Europa, em especial portugueses, aportou no Brasil, mas eram as botas que imperavam atendendo às estéticas e funções militares:



Figura 9: Choupine veneziana do século XVI. Fonte: O'Keeffe, 1996, p.383.

“tinham cano alto, reto ou virado, como as usadas nas representações dos bandeirantes, e eram chamadas de botifarras” (MOTTA, 2004, p.27). Ainda para o autor, os bandeirantes, grupos de homens que adentraram pelo interior do país, principalmente na região de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, com o objetivo de escravizar índios e angariar novas riquezas, como alternativa à agricultura e outras atividades econômicas encontradas pelo litoral, espalhavam o medo entre os nativos. As chamadas pioneiras paulistas, que acompanhavam os bandeirantes, por não terem acesso à moda, usavam peças de dois séculos anteriores, como afirma Chalaighier (2010).

Estes grupos impressionavam o imaginário da época, caracterizados de forma heróica e romantizada pelas representações iconográficas da história do Brasil. Representados com as “botifarras” de couro, de forma imponente, atribuía-se aos aventureiros uma imagem de poder e força, quando na verdade, na maioria das vezes, andavam descalços, assim como os índios. Mais uma vez nota-se o poder denotativo e conotativo encontrado no ato de calçar, assim como no calçado em si.

No Brasil dos tempos coloniais, afora o Rio Grande do Sul, para fazer botina ou sapato recorria-se ao couro de animais silvestres mais finos e maleáveis, especialmente ao do veado mateiro. Eram comum essas caçadas no interior de São Paulo (COUTINHO, 2008, p.50).

Segundo Chalaighier (2010), os sapatos femininos usados pela elite no Brasil durante o século XVI, eram na maioria das vezes de couro fino, adornado com enfeites e bordados, forro de renda ou cetim.

A maioria da população usava modelos mais simples como tamancos de madeira, com apenas uma tira larga na frente, de origem asiática e chegadas em Portugal por intermédio das colônias no Oriente. Ainda hoje são encontradas em alguns mercados populares no Brasil (Figura 10).

O calçado feminino obedecia ao mesmo formato do masculino, inicialmente bicudo e modelando o pé. Geralmente, os sapatos abotoavam-se com botões ou atavam-se por intermédios de cordões, chegando a usar-se um sapato de cada cor, conforme ditame da moda. Mas o calçado feminino nunca constituiu grande moda e despertou particular interesse, visto ter uma função puramente utilitária, uma vez que não eram peças visíveis, sempre abafados e escondidos pelo grande volume de saias e mantos compridos. Os sapatos mais comuns eram os pantufos e os chapins. Os pantufos fabricados em materiais finos com a seda, moldavam o pé, e apertavam debaixo do tornozelo, entre dois e quatro dedos de altura. Tal como outro calçado mais frágil, era preferencialmente usado em casa ou na Corte (Oliveira *apud* MOTTA, 2004, p.37; 38).

Existem pouquíssimas pesquisas sobre os modelos, formas de uso, elementos estéticos e significados dos calçados no período colonial brasileiro. Mas, o que podemos concluir é que os calçados usados no Brasil eram importados ou fabricados de forma bastante rústica por



Figura 10: Tamanco de frente fechada. Recife (PE). Fotografia Daniel Mansur. Acervo Eduardo Motta. Fonte: MOTTA, 2004, p.54.

sapateiros-artesãos, seguindo padrões e influências da moda européia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período da Antiguidade até o século XVI, diferentemente da atualidade, os indivíduos adquiriam objetos para obter prestígio social, isolando-os dos grupos de estatuto inferior e filiando-se aos grupos superiores e, posteriormente pela busca do “novo” (LIPOVETSKY, 1989).

De artefato protetor dos pés humanos, os calçados dos períodos da Antiguidade, Idade Média e Renascimento adquiriram novos símbolos e significados - de forma bastante lenta, comparando-se à contemporaneidade, como modismos durando séculos - como: poder, riqueza, diferenciação social e de gêneros.

Os sapatos eram concebidos por sapateiros-artesãos, com todas as etapas desenvolvidas manualmente. Estes sapateiros passaram no período do Renascimento e séculos posteriores, sendo considerados artistas de prestígio (McDOWEELL, 1989).

No Brasil, país recém descoberto, os calçados ainda não apresentam inovações e grandes significados, pois na sua maioria eram trazidos da Europa ou fabricados de forma rústica por sapateiros e utilizados de modo prático. Mas em alguns casos, como as botas usadas pelos bandeirantes, simbolizavam poder.

Por meio desta pesquisa, conseguimos identificar e analisar os calçados como cultura material e objeto que comunica os desejos, valores e anseios intrínsecos das sociedades. E a indústria - importante ferramenta para a produção dos calçados em larga escala a partir do século XIX - cada vez mais, produz por meio do design, atrações e tentações, satisfazendo momentaneamente os desejos do consumidor moderno, que busca por novas emoções, sensações e experiências.

Porém, é importante pesquisar a história do calça-

do para conceber produtos criativos e inovadores, tornando os calçados brasileiros reconhecidos no mercado mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Fernando de Barros; NAHUM, Perla. **Sapatos: Crônica de um tempo 1900-1991**. São Paulo: Francal-Feiras e Empreendimentos, 1991.
- BOMFIM, Gustavo Amarante. Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. In: **Estudos em Design**, n.2, v.5, Rio de Janeiro, Aend, 1997.
- CARDOSO, Rafael. Design, Cultura Material e o Fetichismo dos Objetos. **Revista Arcos**, Volume 1, 1998.
- CHATAIGNIER, Gilda. **História da moda no Brasil**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2010.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Coleção Museu, Memória e Cidade: Rio de Janeiro, 2007.
- LAVER, James. **A roupa e a moda: uma historia concisa**. São Paulo: Cia. da Letras, 2002.
- LEVENTON, Melissa (Org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth**. Tradução: Livia Almendary. São Paulo: Publifolha, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- McDOWELL, Colin. **Shoes: fashion and fantasy**. Londres: Thames & Hudson, 1989.
- MOTTA, Eduardo. **O Calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico**. Assintecal, Novo Hamburgo/RS, 2004.
- MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA. www.museudocalcado.com.br/incInternas.php?page=textoshistoriacalcado. Acesso em 04/07/2010.
- O'KEEFFE, Linda. **Sapatos: uma festa de sapatos de saltos, sandálias, chinelos**. Colônia, Alemanha: Kone-mann, 1996.
- PINHASI, R. First Direct Evidence of Chacolithic Footwear from the Near Eastern Highlands. **Plos One** 5(6): e10984. doi: 10.1371/journal.pone.0010984, 2010: <http://www.plosone.org/article/slideshow.action?uri=info:doi/10.1371/journal.pone.0010984&imageURI=info:doi/10.1371/journal.pone.0010984.g001>. Acesso em: 02/12/2010.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.